

Comunicação / Educação: a atualidade do tema - Profa. Grácia Lopes Lima

Grácia Lopes Lima

Que a educação formal praticada nas instituições oficiais está em descompasso com a vida que se leva fora do âmbito da escola e que ela tampouco vem conseguindo ser atraente para seus alunos já não é mais novidade para ninguém. Pichações, olhares agressivos, falas arrogantes, descaso, desinteresse pelo que dizem grande parte dos professores em sala de aula são fatos que denunciam insatisfação, rejeição mesmo do instituído. São também dessas situações que mais se valem os próprios profissionais de educação quando tratam de analisar a situação do ensino atual e em especial o desempenho de seus alunos. São enfáticos nesses momentos: "os alunos não querem saber de nada! São um bando de mal educados!".

Ocorre que não são eles os únicos a se sentirem desconfortáveis... Falas e ações de um considerável número de professores revelam que, da mesma forma, eles não estão gostando do tipo de ensino que acontece todo dia na escola. As conversas que mantêm na sala dos professores revelam que mal estão suportando o trabalho diário. Também eles estão cansados, insatisfeitos, irritados. Talvez não pichem paredes, mas agridem de outras formas: com os olhos, com falas prepotentes e rudes ou com apatia, displicência, descaso... Constantemente, por isso, são alvo de críticas de seus alunos que não os poupam de adjetivos pejorativos para avaliar seu mau desempenho em sala de aula.

Exagero? Característica exclusiva de um tipo de escola?

Não. Mudam os nomes e os lugares, mas a história quase sempre é a mesma: quer pública ou particular, a maioria dos habitantes das escolas vive ainda hoje um clima de descontentamento geral. E o desgosto não brota da revolta contra a precariedade das instalações ou da possível carência de recursos e materiais didáticos. A raiva se inscreve na arquitetura da escola, é descontada no patrimônio, mas seguramente nasce em outro lugar. Para Pichon Riviere, psicólogo social, "aquilo que o homem tem de mais primitivo e mais característico é a sua necessidade imperiosa de estar em permanente comunicação com as outras pessoas. Poderíamos dizer que até inventa os sonhos para poder se comunicar de noite e evitar, desse modo, o sentimento de estar 'incomunicado'. Sente necessidade de criar personagens para poder se comunicar e viver seus dramas durante a noite de um modo mais ou menos controlado e administrado por ele. Só fracassaria nos pesadelos. Quando perde a comunicação com o grupo aparece o sentimento de solidão e desamparo (...)". (1)

Contudo, não só a violência nasce e se justifica pelo que permeia as relações entre os que alunos e professores. Também o seu contrário (harmonia, tranqüilidade, paz...) se liga à qualidade do vínculo e da comunicação que tecem todos os envolvidos no cotidiano escolar. Ilustra isso, por exemplo, o uso costumeiro de crianças e adolescentes das expressões "tal professor é legal!" ou numa linguagem mais recente: "esse cara é gente fina", "camarada". Nessas horas, estão se referindo ao convívio bom, sinônimo de canal aberto para a conversa. Estão expressando ser possível a troca de afeto dentro do espaço escolar. Dá para entender porque esse professor identificado pelos alunos recebe o título de "mó cb", expressão que significa "sangue bom!", isto é, líquido de qualidade, elemento mantenedor da vida de um organismo saudável...

Segundo Manuel Morán, pesquisador e professor da Universidade de São Paulo, comunicação e educação andam juntas. Quanto mais a primeira se valer da segunda, melhor será o ambiente e, portanto, melhor serão as práticas educativas. Para ele "o educador é um comunicador que precisa fazer uma interação, uma ponte como forma de lidar com o conhecimento, diferente de como vem fazendo. Uma pessoa que se comunique mais e fale menos, embora pareça contraditório; comunicar-se mais, sem preocupar-se com o conteúdo programático. Ele é um comunicador, porque fala com todo o corpo, porque ele é uma mensagem complexa e, junto com esse conteúdo programático, coloca sua experiência de vida, seu modelo de adulto realizado ou não, feliz ou não, de uma pessoa que vale a pena conhecer ou não. E isso é importante. Não basta ser só um professor competente, numa área específica. Tem que ser um competente comunicador de toda uma experiência de vida que vale a pena transmitir junto com aquele conteúdo programático específico. Essa é uma questão de fundo profundamente tecnológica, quer dizer, ele é um comunicador total. Isso não se improvisa, não se muda com cursos rápidos (...)". (2)

Bem, até aqui pensamos na palavra comunicação como um conceito relacionado à capacidade de um bom entendimento entre as pessoas. Quisemos destacar que a comunicação interpessoal, tanto quanto o conteúdo programático de caráter informacional, é um elemento de caráter formador que deveria receber maior atenção por parte de quem exerce como profissão a educação das novas gerações. Vale ressaltar: não bastam cursos de capacitação ou aquisição de sofisticados materiais pedagógicos para melhorar o ensino. Por si só eles não propiciam o principal: o respeito, o bem querer - elementos essenciais para a promoção da solidariedade e da possibilidade de construção de projetos que beneficiem a coletividade. Mas, comunicação tem outros significados. Comunicação tem a ver também com meios, isto é, com jornal, rádio, vídeo, computador etc. Tem a ver com sistemas de produção e distribuição de informação.

Sobre isso passamos a pensar a partir do segundo momento deste texto, principalmente, porque comunicação, também nesse sentido, imprime sua marca no processo de formação das pessoas. Como afirma Marília Franco, professora e pesquisadora, "as novas gerações são leitoras da comunicação áudio-visual ainda no estado intra-uterino. A mãe, quando está grávida, senta em frente à televisão, se emociona, passa para o feto aquelas impressões. Tudo vira história (...) as novas gerações são formadas nisso desde que abrem os olhos para o mundo. Já estão compreendendo aquilo que a televisão está mostrando, que o cinema está exibindo. Trazem isso para dentro da sala de aula, esse conhecimento, essa leitura. São todos pós-graduados em linguagem áudio-visual, quando entram analfabetos na escola (...)". (3)

Ocorre que nossas crianças estão vendo e ouvindo programas que falam e mostram gente de uma cultura bem diferente e distante da que elas fazem parte. Os meios de comunicação oficiais retratam o mundo, indiferentes às culturas locais. Direcionam mensagens que desviam os olhos dos espectadores para outras paisagens e personagens. Mais que isso, educam aquele que os recebe, admirado, entorpecido até, para se tornar presa fácil, suscetível de comando.

Essa política de comunicação social precisa ser compreendida. A lógica usada pelos proprietários dos sistemas de meios de comunicação necessita ser conhecida pelos seus usuários e a escola pode ser um local de reflexão sobre a relação comunicação/educação. Nesse sentido, vários países de todo mundo vêm desenvolvendo, já há várias décadas, programas de leitura crítica dos meios com a intenção de fortalecer a capacidades analítica de jovens receptores.

A par dos projetos da chamada "Media literacy", destacam-se também os programas que objetivam tornar os meios de comunicação em ferramentas, instrumentos dos quais as pessoas, especialmente alunos, possam se apropriar e com eles "escrever" e comunicar a sua própria cultura.

Propõem-se a incluir novas tecnologias e diferentes linguagens no âmbito da escola, incorporando-as no dia-a-dia da sala de aula. Esta seria uma forma de reverter o quadro: fazer com que as pessoas passem a olhar e ouvir a si próprias e, principalmente, comecem a gostar de si mesmas. À medida que, coletivamente, aprenderem a fazer seus próprios meios de comunicação, passarão a registrar e tornar conhecida a cultura de sua comunidade, as notícias e fatos que lhes dizem respeito.

Haveria aí, então, nessas práticas de produção de meios, nas palavras de Sandra Carli, pesquisadora argentina, a "ligadura entre procesos conscientes y inconscientes, entre cuerpo y lenguaje, entre afecto y representación, entre percepción y sentido, entre individuo y sociedad (...) trabajo de ligadura que es de orden psíquico y cultural (...)".(4)

Sandra Carli integra uma equipe de educadores argentinos que, desde 1988 vem desenvolvendo na capital argentina um grande programa de "Periodismo, Comunicación y Educación", patrocinado pela Secretaria de Educação do Governo da Cidade de Buenos Aires e apoio da UNESCO, CINU, PNUD, UNICEF e do Serviço Cultural da Embaixada Francesa.

Segundo relato de Sílvia Bacher, coordenadora geral do Programa, no livro "Produção de Meios na Escola - reflexões a partir da prática", cerca de 200 escolas públicas, mais de 47 mil alunos já produziram 600 revistas, 80 vídeos e aproximadamente 700 horas de programas de rádio. Iniciativas similares à dos argentinos também vêm sendo desenvolvidas em alguns municípios brasileiros, tais como Vargem Grande Paulista, Sorocaba e São Paulo.

Desde o ano de 2000, o GENS- Serviços Educacionais, por solicitação da Secretaria de Educação de Vargem Grande Paulista, desenvolve o PROJETO RÁDIO-ESCOLA em todas as vinte e duas unidades

escolares de ensino infantil e fundamental da cidade, o que corresponde a um universo de quatro mil alunos. Além de cursos de formação e acompanhamento de educadores e estudantes, o projeto inclui a instalação de emissoras comunitárias de rádio no âmbito interno das escolas.

Merecem destaque especial as matérias produzidas pelos Repórteres-Mirins, estudantes que acompanham, sob orientação de professores, os eventos importantes da cidade. Tais matérias, além de comporem a programação interna das escolas, são também levadas ao ar pela Rádio 8 de dezembro, emissora comunitária local. Para a pesquisadora Adriana Azevedo, que faz do projeto seu objeto de estudo para tese de doutorado a ser defendida no Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, o Rádio-Escola, assim constituído, engloba características da comunicação comunitária, popular e alternativa, sendo um exemplo potencializador de cidadania entre crianças e adolescentes”.

Em 2001, a mesma proposta é levada para o Município de Sorocaba, onde, também por iniciativa da Secretaria de Educação, o projeto atinge todas as 30 escolas municipais de ensino infantil e fundamental. Nesta localidade, além de serem oferecidos cursos e acompanhamento das iniciativas para os educadores, foram incluídos, já na fase de formação, grupos de estudantes de cada uma das escolas. Identificados como pequenos líderes, esses alunos passam a ser os multiplicadores das experiências em suas comunidades escolares.

O fortalecimento da auto-estima, somado ao desenvolvimento da expressão dos protagonistas e o reconhecimento da importância do domínio do sistema de produção de meios foram tão visíveis e benéficos que, a partir deste ano, terá início também no mesmo município a implementação do PROJETO VÍDEO-ESCOLA.

Já em São Paulo, o NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, a pedido da Secretaria de Educação, desde o segundo semestre do ano passado, está implantando o EDUCOM.RÁDIO - Educomunicação pelas Ondas do Rádio, junto aos educadores e estudantes das quatrocentas e cinquenta e cinco escolas do ensino fundamental. Ismar de Oliveira Soares, supervisor do projeto, avalia o trabalho como “um imenso esforço, permanentemente avaliado e revisto, de sincronizar reflexões teóricas com práticas laboratoriais, de forma a permitir a compreensão do conceito de educomunicação, a possibilitar o entendimento da importância de se introduzir os processos e linguagens da comunicação nas práticas de ensino e, especialmente, a socializar instrumentos de planejamento da ação educacional no cotidiano das comunidades escolares” (5) Ressalte-se ainda, que, nessas três cidades, os projetos culminam com a inclusão da comunicação no Projeto Político Pedagógico das escolas, garantindo assim a continuidade das práticas educacionais em rádio como forma de desenvolver o coeficiente comunicativo de toda comunidade educativa.

Ressalte-se também que as experiências de produção de meios no ambiente da escola propiciam a meninos e meninas escutarem-se a si mesmos, organizarem-se em torno das questões relacionadas à vida comunitária, demonstrando a seus professores que a cultura pode ser conhecida e transmitida por outras vias que não somente a erudita, culta, formal. Mais que isso, tais atividades demonstram que ainda é possível tornar o espaço escolar num ambiente alegre, vivo, onde as pessoas podem resgatar o prazer pelo que aprendem junto.

Por fim, a tal consciência crítica tão esperada quanto ao caráter ideológico e manipulador dos meios de comunicação acaba, por essas práticas, sendo uma decorrência natural do processo, exatamente porque ao produzirem e se apropriarem de todas as fases de produção da informação, os alunos passam a dominar o funcionamento do sistema de meios. Nunca mais, seguramente, por essa razão, verão o mundo da tecnologia e das mídias com os mesmos olhos de antigamente...

1. PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Teoria do Vínculo. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
2. MORAN, Manuel. A tecnologia de ponta e a comunicação professor-aluno. In: III SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, São Paulo, 1996. Comunicação e Plano Decenal de Educação: rumo ao ano 2003. São Paulo, 1996. p.101-107.
3. FRANCO, Marília. As linguagens áudio-visuais no processo educativo. In: III SIMPÓSIO

BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, São Paulo, 1996. Comunicação e Plano Decenal de Educação: rumo ao ano 2003. São Paulo, 1996. p.108-113.

4. CARLI, Sandra. "Comunicación, Educación y Cultura: el desafío educativo contemporaneo", in Producción de Medios en la Escuela, Reflexiones desde la Practica, Secretaria de Educación. Gobierno de Buenos Aires/UNESCO, Buenos Aires, 1998, p.20-27.

5. SOARES, Ismar De Oliveira. " NCE da USP forma os primeiros Educomunicadores do Município de São Paulo", in Boletim Informativo do NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP e da Ediotia Salesiana, São Paulo, dez/2001.